

ARTE, ESCOLA E UNIVERSIDADE

Art, School & University

Beatriz Maria Costa Rezende

Licenciada em teatro – Universidade Federal de São João del Rei

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2914-9498>

beatrezende@hotmail.com

Artigo recebido em junho/2024 e aceito em julho/2024

RESUMO

O presente texto traz uma reflexão sobre a experiência de uma residente no Programa Residência Pedagógica, subprojeto Teatro, vinculado ao curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei, nas aulas de artes de duas turmas de 3º ano da Escola Estadual Professor Iago Pimentel. O objetivo é relatar a experiência da autora no programa, refletir e questionar a realidade escolar, o papel do programa, a relação entre a escola, a universidade, os alunos, residentes e professores. Os aprendizados que a autora obteve com o programa são pontuados como uma forma de buscar melhorar sua docência. Nota-se, ao longo do texto, que a importância da Residência Pedagógica se dá na possibilidade de os discentes de licenciatura praticarem sua docência e aprenderem através da experiência direta com a escola, tendo os preceptores e a universidade como apoio em caso de dificuldades.

Palavras-chave: Educação; arte; escola pública; universidade; Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This text brings a reflection on the experience of a resident in the Pedagogical Residency Program, subproject Theater, linked to the degree course (teaching license) in Theater of the Federal University of São João del-Rei, in the art classes of two 3rd year classes of the Professor Iago Pimentel State School. The objective is to report the author's experience in the program, reflect and question the school reality, the role of the program, the relationship between the school, the university, the students, residents and teachers. The lessons learned by the author from the program are highlighted as a way to improve her teaching. Throughout the text, it is noted that the importance of the Pedagogical Residency is given in the possibility for undergraduate students to practice their teaching and learn through direct experience with the school, having the preceptors and the university as support in case of difficulties.

Keywords: Education; art; public school; university; Pedagogical Residency.

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata a experiência no Programa Residência Pedagógica, da CAPES, vivida pela discente do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei, Beatriz Rezende. O texto tem como base de análise e discussão duas turmas de 3º ano da E.E. Prof. Iago Pimentel nas quais a professora preceptora, Raphaela Mattos, ministrava aulas de artes às terças-

feiras. Ao longo do texto, a autora conta um pouco sobre como se deu a escolha das turmas que cada residente iria acompanhar, sobre o que puderam observar e aprender com a prática docente da preceptora, como ministraram suas aulas e o que perceberam da escola, dos alunos e da relação entre eles, e a ligação entre a escola e a universidade, que se deu através do programa.

Tanto na prática docente, quanto no presente texto, os autores Ana Mae Barbosa, Paulo Freire e Viola Spolin, foram usados como base para refletir, questionar e explorar a prática pedagógica. Os desafios e dificuldades são apontados como uma forma de buscar a melhora no entendimento sobre o meio escolar, que atende a alunos que estão em constante mudança. Dentro disso, cabe ao professor, junto com a escola, buscar atender às demandas desses alunos. Os autores citados acima auxiliaram na busca por uma educação que enxerga os alunos como parte fundamental da aprendizagem, carregando suas vivências, saberes e questionamentos para a sala de aula, sem descartá-los nos momentos de estudo.

Os alunos da escola, por serem a maioria menores de idade, estão em fase de desenvolvimento e muitas vezes se encontram sem conseguir explicar seus pensamentos, sentimentos e opiniões. No contexto das aulas de arte, Barbosa explica que “Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite da nossa consciência excede o limite das palavras” (BARBOSA, 2001, p.04). A arte auxilia na compreensão do mundo, do outro, e na expressão de si mesmo. Por isso ela é fundamental não apenas na escola, mas na vida das pessoas.

O relato parte de uma visão de valorização da arte, sobretudo do teatro, e de uma educação humanizada, sem ignorar as dificuldades encontradas e as usando para refletir, aprender e buscar a mudança necessária, seja no sistema como um todo, ou na prática pedagógica individual de cada sujeito. O objetivo não é apenas relatar uma experiência, mas buscar neste relato soluções para problemas encontrados, questionamentos e relembrar os pontos positivos da experiência com os alunos, a escola, os professores e o programa.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Residência Pedagógica da discente Beatriz Rezende foi realizada através do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e da CAPES, na E.E. Professor Iago Pimentel, com início em novembro de 2022 e término em abril de 2024. Neste período, reuniões, observações e ministrações de aulas foram realizadas pela residente sob a coordenação do professor orientador do curso de Teatro, André Magela, e a orientação da professora preceptora Raphaela Mattos, licenciada em artes e mestre em Educação.

Quando os residentes foram para as instituições de ensino, em março de 2023, a preceptora Raphaela Mattos os permitiu escolher quais dias seriam melhores para eles, e, a partir disso, duplas foram formadas para cada dia que a professora dava aula na escola (terça, quarta e sexta-feira). Dessa forma, Beatriz Rezende escolheu as terças-feiras, junto com o residente Gustavo Travenisk. Após um período de observação de cada série que tinha aula nas terças-feiras, a preceptora lhes solicitou que escolhessem uma série para acompanharem e ministrarem algumas aulas, pois, assim, poderiam focar no desenvolvimento de um conteúdo em comum para as turmas da mesma série escolar. No caso dos residentes citados acima, eles escolheram acompanhar o 3º ano do Ensino Médio, nas aulas de terças-feiras, sendo duas turmas, cada uma com uma aula de 50 minutos por semana.

3. DIDÁTICA DA PROFESSORA NA ESCOLA

Antes de escolherem a série que gostariam de acompanhar, os residentes observaram, por dois meses, uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, uma turma de 1º ano do Ensino Médio e duas turmas do 3º ano do E.M. Neste tempo, perceberam que a professora preceptora busca passar atividades na sala de aula, dando tempo para todos conseguirem começar e terminar no horário de aula, sem se preocuparem com finalizar em casa. Mesmo que isso possa levar três ou mais aulas, a professora opta por permitir que eles usem este horário com atividades da própria aula, mantendo o foco e dedicação dos alunos, e permitindo que tenham mais tempo livre em casa, já que muitos alunos trabalham e/ou fazem cursos no contraturno escolar e possuem atividades de outras disciplinas para fazerem e conteúdos para estudarem.

Além disso, Raphaela Mattos busca se manter atenta às demandas de cada turma, observando quais atividades funcionam ou não, e pensando nas soluções ou adaptações necessárias. Os residentes, ao notarem alguma dificuldade, seja no conteúdo, nos materiais necessários, na aceitação da turma ou no envolvimento dela, fizeram sugestões à professora para melhorarem o andamento e aproveitamento da aula. As sugestões foram bem aceitas, pois muitas vezes quem está observando de fora percebe questões que quem está ministrando a aula não consegue perceber de imediato. Deste modo, muitas trocas entre eles foram realizadas. Tanto a preceptora, quanto os residentes, auxiliaram no planejamento e realização das atividades. A preceptora deu mais orientações porque ela está mais habituada às turmas e ao funcionamento da escola, seus desafios, dificuldades, e conhece os melhores ambientes para realizar determinadas atividades, como os alunos reagiriam a elas e ao ambiente, entre outros.

A professora também é uma pessoa calma e nunca perdeu o controle na sala de aula, elevando seu tom de voz apenas quando necessário. Os alunos em geral se mostram dispostos a ajudar quando ela solicita, como limpar o quadro, apagar as luzes ou conectar o projetor na tomada. Ela, ao longo

do ano, abordou em suas turmas atividades como bordado, desenho, autorretrato, releitura, fotografia, colagem digital e no papel, além de trabalhar com conteúdos solicitados pela escola, como a escrita de uma carta para si mesmo que será recebida no final do ano, e um vídeo de conscientização sobre a dengue. Tudo isso ela tenta dialogar com a realidade e o gosto dos alunos, usando slides para passar a parte teórica do conteúdo de forma resumida, e para mostrar exemplos de obras de arte.

A preceptora, quando aborda um novo assunto ou passa uma atividade, sempre busca relembrar o que viram anteriormente e tenta relacionar o conteúdo passado com o atual. Para melhor entendimento dos alunos sobre o conteúdo ou a atividade, ela permite que, durante a aula, eles pesquisem referências na internet além das que ela mesma leva. O educador brasileiro Paulo Freire diz que o professor, além de respeitar os saberes que seus alunos carregam consigo, deve também “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 2011, p.31). A cada conteúdo novo, a preceptora buscava levar exemplos que estão presentes no cotidiano dos adolescentes para relacioná-los com o conteúdo da disciplina. Isso os ajudava a compreender mais rápido e a desenvolver novos pensamentos, questões e indagações sobre o conteúdo abordado, e sobre os meios em que estão inseridos.

Outra prática interessante que ela tem é a de corrigir as questões do simulado ou prova que mais geraram dúvidas, junto com a turma. Deste modo, os alunos compreendem por que erraram ou acertaram determinada questão. Isso também os ajuda a aprender sobre o tópico, valorizando, assim, a questão em si e a aprendizagem dos alunos.

4. A PRÁTICA DOS RESIDENTES NA ESCOLA

Quanto às aulas ministradas por Beatriz Rezende e Gustavo Travenisk: ao todo, pudemos ministrar em torno de 7 aulas para cada turma do 3º ano do Ensino Médio. No mês de maio, realizamos atividades sobre Tragédia Aristotélica¹. Primeiro explicando o que era a Tragédia Aristotélica e seus elementos principais, depois solicitando aos alunos que escrevessem uma história seguindo o modelo apresentado. Em seguida, fizeram três aulas com jogos de iniciação teatral, para, na última aula, os alunos representarem uma história escrita por outro grupo da turma, para não encenarem a própria história.

Já no mês de novembro, projetaram um PowerPoint elaborado a partir da obra “The Algier’s sections of a happy moment”, de David Claerbout, que possui fotografias de um momento específico, tomadas de vários ângulos. A intenção era relacionar esta obra com a Vanguarda Europeia

¹ Aristóteles, com sua grande obra Poética (2015), definiu parâmetros de análise para as tragédias gregas. Ao mencionarmos “Tragédia Aristotélica”, nos referimos ao conjunto canônico de tragédias da Grécia Clássica, abordados tendo como base as análises de Aristóteles.

“Futurismo”, cujos focos são o ritmo de velocidade e aceleração, o futuro e obras estáticas que proporcionam a ideia de movimento. Após o contato com a obra, os alunos tiveram que montar, com seus corpos, uma figura que representasse um único elemento/pessoa/ser, mas que desse a ideia de movimento, como no exemplo abaixo:



Figura 1 - Alunos representando uma pessoa caindo no chão.
Fonte: arquivo pessoal.

Para contextualizar esta realização imagética dos alunos, exponho abaixo um exemplo histórico similar ao que realizaram com seus corpos – uma reprodução da pintura *Nu descendo a escada n.º 2*, realizada em 1912 por Marcel Duchamp, artista capital no século XX:



Ao ministrar as aulas no ambiente escolar, os residentes tiveram alguns desafios para encontrar conteúdos sobre os quais possuíssem certo conhecimento, que se encaixassem ao currículo estadual, às propostas trabalhadas pela professora e aos interesses e necessidades dos alunos. Uma forma de atender a todos estes, que foi sugerida pela professora, foi de pensarem em atividades corporais que remetesse às principais características das Vanguardas Europeias, que foi o conteúdo abordado durante o ano letivo, importante para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), prova comumente realizada por alunos do 3º ano do E.M. Esta sugestão foi adotada por nós porque, dessa forma, exercícios teatrais, que são mais corporais, poderiam ajudar os alunos a comporem o conteúdo em seus corpos, criando a partir deles e das características das vanguardas abordadas anteriormente.

Outro desafio que merece destaque é a aceitação e envolvimento dos alunos. Eles passam cinco dias da semana, quase cinco horas por dia, sentados em uma carteira ouvindo o(a) professor(a) falar. Por conta disso, não estão acostumados a fazer atividades corporais no horário de aula, fora da educação física, na qual muitos alunos ficam sentados observando os outros jogarem ou apenas conversando entre si. Logo, quando é proposta alguma atividade na qual precisam mexer e explorar seus corpos, há um estranhamento, desinteresse e inércia. É difícil saber quando o aluno não quer fazer por comodismo, desinteresse ou porque não se sente confortável naquele dia; mas não podemos desistir de tentar fazê-lo participar de alguma forma.

Devido aos dois anos de ensino remoto por conta da pandemia da COVID-19, os alunos tiveram seu desenvolvimento afetado, chegando na escola com dificuldades que deveriam ter sido tratadas nas séries anteriores à qual se encontram. Então era comum encontrar erros básicos e comprometedores de escrita em suas atividades, uma certa demora para conseguirem entender e realizar exercícios, muitas vezes precisando de algum auxílio da professora. Ao perceberem isso, em cada aula ministrada, os residentes buscavam seguir o que a autora estadunidense Viola Spolin sugere: “trabalhe com aluno onde ele está, não onde você pensa que ele deveria estar” (SPOLIN, 2010, p. 09). Ter calma, paciência e entender o que cada turma, cada aluno pode oferecer naquele momento.

Na primeira aula prática de exercício teatral dada para a turma, alguns alunos não se sentiram confortáveis para realizar algumas atividades, já na última, todos participaram de forma mais leve e descontraída. É importante não deixar o aluno de lado, buscar formas de ele se sentir confortável para participar, mas é igualmente importante respeitar seu espaço e seu tempo de desenvolvimento.

Também pude notar, no dia a dia escolar, que muitas vezes os alunos reclamavam *a priori* da atividade proposta, por mais simples que ela fosse. Então cabe à docente ter paciência e buscar formas de envolver a turma sem gerar peso para ninguém, ruídos desnecessários ao processo pedagógico. É preciso entender que cada corpo tem suas limitações e trabalhar a partir disso, com a consciência de que os alunos, assim como os professores, têm uma vida fora da escola, além daquela aula específica.

Muitos conteúdos, questões, preocupações, informações os cercam o tempo todo, e nem sempre conseguem lidar com tudo ao mesmo tempo.

Ao longo deste ano letivo, houve feriados, paralisações, simulados da escola, provas do Estado, palestras, eventos, passeios e provas bimestrais que não permitiram, nos dias de evento, que os residentes dessem aula. Nestas ocasiões, a professora preceptora os recomendava a não ir à escola pois não havia muito o que fazer ou observar. Em algumas situações, recebiam aviso prévio, em outras, no dia anterior ou na manhã do mesmo dia. Não foi falha da professora, pois muitas vezes ela só foi informada quando chegou na escola sobre algum evento ou passeio que tomaria o tempo de sua aula. Por sorte, os residentes iam um pouco mais tarde para a escola, então dava para ela os avisar antes de saírem de casa. No entanto, ao observarem isso, surge uma preocupação com o planejamento e aproveitamento das aulas, que ficam prejudicados.

Adaptações sempre serão necessárias, mas quando muitas aulas são tomadas, muito tempo se perde, e com ele, conteúdos que, ou serão deixados de lado para dar foco a algo mais importante, ou serão abordados de forma mais rasa do que o ideal, podendo prejudicar sua aprendizagem e desenvolvimento. Compreende-se que as instituições de ensino possuem muitos imprevistos que vão além de seu controle, mas os residentes, enquanto futuros professores de artes, que na maior parte das turmas darão uma aula por semana, entendem também que cada minuto é precioso e precisa ser bem aproveitado. É uma luta diária tentar não ceder ao sistema que oprime e trata o aluno como depósito de conteúdo informacional, principalmente com tão pouco tempo disponível. Porém, é preciso persistência e força, muita força.

5. EXPERIÊNCIAS NA UNIVERSIDADE

Nas reuniões realizadas pelo docente orientador, André Magela, exercícios foram realizados para preparar os corpos dos residentes (sua vitalidade, sensibilidade, percepção) para a sala de aula. Discussões foram instigadas, tanto pelo orientador, quanto pelos discentes, para refletirmos sobre o cotidiano em uma instituição de ensino, e buscarmos direcionamentos para as dificuldades encontradas. Estas reuniões foram importantes para que os residentes relatassem suas experiências uns para os outros, buscassem apoio, soluções e ajuda, e também permitiram o contato com outros professores preceptores, seus métodos, visões e formas de lidar com os desafios encontrados nas instituições, nos alunos e nas próprias aulas.

Nestas reuniões, ao debaterem as aulas e os contextos nos quais os alunos estavam inseridos, os residentes buscavam seguir o que Pulo Freire defende ao dizer que quando ele entra na sala de aula, enquanto professor, deve “estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - *a de*

ensinar e não a de transferir conhecimento” (grifos do autor) (FREIRE, 2011, p.47). Dessa forma, o professor toma conhecimento sobre seus alunos, suas inquietações e realidades, e, a partir disso, pode estabelecer um diálogo entre os saberes da disciplina e os saberes que os alunos já possuem, permitindo que a aprendizagem seja significativa.

Além das reuniões, os residentes puderam conhecer outras propostas de ensino através do IX Seminário de Iniciação à Docência da UFSJ (SID), realizado na Universidade Federal de São João del-Rei de 16 a 20 de outubro de 2023. Neste evento, houve apresentações culturais, palestras, mostra de vídeos e de materiais pedagógicos, mesa de discussões e apresentações dos discentes bolsistas sobre suas experiências nas escolas. Várias apresentações aconteceram em diferentes salas ao mesmo tempo, então não foi possível assistir a todas. Mas as que a autora deste texto pôde presenciar foram interessantes e ofereceram a ela formas de desenvolver atividades com diversas faixas etárias, didáticas utilizadas em outras áreas do conhecimento, e permitiram perceber a diferença entre estas áreas, quanto tempo de aula elas possuem semanalmente com cada turma, como a escola e os alunos recebem suas propostas e como fazem para abordar os conteúdos de forma didática, promovendo aos alunos à aprendizagem efetiva deles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a experiência no Programa de Residência Pedagógica, oferecido pela CAPES, proporcionou muitos aprendizados que as disciplinas do curso de licenciatura em Teatro da UFSJ não são capazes de oferecer. Estas disciplinas foram de grande importância para se aprender sobre a estrutura e o funcionamento de uma aula de artes, mas é no cotidiano da sala de aula que é possível perceber o que funciona ou não com aqueles alunos inseridos naquele contexto, suas particularidades, desafios e o que cada um tem a oferecer para a docente. Além disso, o sistema escolar é diferente do ensino não formal, com o qual, em geral, o teatro está mais habituado. Entender como cada escola pode funcionar, como seus alunos se comportam, como outros professores de outras disciplinas se portam é de extrema importância na construção do repertório de uma futura docente de teatro, que certamente buscará nas instituições de ensino formal uma forma de sustento e de modo de vida.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Somos gratos e entusiastas destas iniciativas, tão importantes ao desenvolvimento da educação do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética. Tradução de Paulo Pinheiro.** São Paulo: Editora 34, 2015. 232p.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 2001. 184p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. 158p.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2010. 384p.